

Flavio P. Oliveira

O Horror Empunha um Cutelo

1ª Edição

Delirium Editora

Rio de Janeiro

[2016]

*"Tenía tanto miedo
que mi propio terror no me resultaba creíble"*

Albert Sánchez Piñol

Um desesperador grito deixa a garganta mumificada.

Tendo ao lado linda jovem e sem derramar lágrimas, ele se desfaz em restos de si.

Um mais um por todos, os mosqueteiros, o romance escrito por Alexandre Dumas aberto na página 72, repara na unha do dedo mínimo enegrecida – mão esquerda. Não havia antes nela reparado e nem se recorda de pancada ou motivo de ali trazer um machucado; entretanto, a unha negra existe.

Tecidos e órgãos envelhecem em ritmos diferentes.

Não sente dor alguma ao apertar a ponta do dedo. Sai, vai à feira, compra quiabo, camarão e amendoim torrado e bebe 300 ml de caldo de cana em um copo plástico.

A unha do médio mantém a cor natural.

Em casa, vê a orelha direita bem mais encarquilhada. Brota um desespero sem tempero no peito. Toma um qualquer comprimido, o qual desce por água abaixo e goela abaixo. Liga o *notebook* e pesquisa a respeito do acelerado enrugamento auricular. O vizinho da penúltima casa morreu nonagenário e quase mumificado de tanto resistir aos chamamentos da morte. Da foice o velho escapava, raramente adoecia, um resistente.

A orelha esquerda permanece intacta.

A unha cai enquanto observa no espelho as rugas. Antes havia mínimos sinais de envelhecimento.

Havia ânsia por solidão e silêncio.

Amigos, contam-se nos dedos sadios, mais um longínquo namoro, os pais seguem morando no interior. Um vizinho discute política e futebol. Na casa 13, vivem duas simpáticas gêmeas. Outros dois comprimidos – um calmante e um multivitamínico – descem. Não fez amizade, o lado tímido e sombrio se esquia. Poderia ser considerado um belo jovem na casa dos vinte e tantos anos, se não fosse a seriedade e a ansiedade em afastar-se dos civilizados.

Reparam nele. Na 5, mora uma jovem viúva sem receios no flerte, ele escapole, usando várias desculpas. Caminha na praia aos sábados, evitará até a orelha recuperar certo vigor e o pé direito perder a cor arroxeadada.

Não sai quase por nada.

A perna direita é apenas pele e osso, mas agora tem um gato nomeado em homenagem à animação predileta. Walle tem fome e mastiga um bocado de ração felina. A campainha toca, o gato mia, um galo canta, uma pera cai do pote onde estava. A campainha toca novamente. Martina e Melissa são as gêmeas – similares na fisionomia e diferentes em caráter. Ontem jantou *pizza*. Pediu para o entregador deixar o item na porta. Hoje jantará os restos do almoço. Walle que se cuide.

O médico é amigo desde a infância – Martina quer ser veterinária –, mas não mostra o pé direito nem o dedo sem unha e em frangalhos. Apenas comenta sobre certas dores na região lombar. Não sairá de casa em breve, mas será visitado pela única corajosa pessoa na rua sem saída da pequenina vila urbana onde vivia e agora basicamente se esconde. Alguns moradores juram não terem visto o homem da casa 17 ir no

caminhão.

Depois do calmante, dormiu.

Apenas avisou o editor-chefe de que faltaria uns dias por estar adoentado e acamado. Obviamente não conseguiria exercer a atividade com tarso, metatarso e as irmãs falanges à mostra na mão da unha negra.

Acorda disposto após o sono forçado pelo calmante.

Desde sempre estranhou o bazar especializado em facas e facões; entretanto, aproveitando o dia gelado, cobre-se com um casaco de lã e visita o estabelecimento. Compra um facão e um cutelo. O entregador comenta no trabalho a respeito do estranho morador que jamais lhe atende e pede para a caixa ser deixada em cima do tapete *bem-vindo*. A desculpa é uma doença.

Acorda após o sono provocado pelos calmantes e cede um dilacerante grito audível nas regiões antárticas por pinguins com boa audição. O gato salta, assustado. O dedo da unha negra está no osso até a base da falange proximal.

A campainha toca.

Na rua sem saída, moram três meninos entre doze e dezesseis. Aos dezessete e perto de completar dezoito anos, a gêmea Melissa tem mentalidade de quem vive protegida por uma família desconfiada, Martina é ousada. Walle, lá fora por causa do susto, das gêmeas recebe carinho gostoso na pança.

Uma diz à outra: – O grito nada demais deve ser.

Parte da canela está enrugada, a orelha é uma pústula aberta onde é possível reparar na carne morta, a bochecha esquerda parece avermelhada, a nádega incomoda quando senta, a todo instante sente sede e tem ataques de gases.

– Irei morrer! – grita para um espelho.

Espelhos são inimigos da maioria. Dói-lhe de tudo um

pouco e não por efêmeros instantes. As pesquisas deixam de revelar dados suficientes quanto ao prematuro envelhecimento acometido ao corpo.

A campainha toca outra vez, insistente.

Agasalhado da cabeça aos pés, com uma gaze cobrindo a horrenda orelha, ele abre a porta para a mais corajosa das gêmeas. Walle volta no colo da jovem, a outra, lá fora, na espera.

– O senhor está adoentado?

Ela é gentileza, delicadeza.

– Apenas machuquei a orelha e gritei, estou bem.

O gato, assustado, em cima da mesa há um cutelo e um facão recém adquiridos pelo loiro morador. Martina repara na desarrumação generalizada e estranha, apesar do frio naquela manhã de feriado escolar, as luvas e as roupas hibernais trajadas pelo vizinho.

– Se estiver gripado, posso trazer uma sopa. Minha mãe faz com prazer e deliciosa – fala sem tirar os olhos do cutelo.

Na semana anterior, as gêmeas receberam a visita de três amiguinhas, e todas avaliaram os respectivos *crushes*, a última foi Martina.

– Meu *crush* é... o Eduardo.

– Qual Eduardo?

– É o estranho doido morador na última casa da vila – respondeu Melissa.

Um estrondo é ouvido dentro de casa. Melissa solta um berro. Todos os adultos estão fora, excetuando a idosa moradora da primeira casa, o guarda da portaria de acesso à rua e o Gigante – apelidaram assim um morador que sofre de obesidade mórbida. Todos estão trabalhando.

Dois meninos correm em direção à Melissa.